

## **Desmistificação das profissões: quando as competências reais moldam as formas de inserção no mundo do trabalho.**

Vanilda Paiva<sup>1</sup>

Desde a publicação do documento da CEPAL *Educación y Conocimiento: eje de la transformación productiva con equidad*<sup>2</sup> em 1992 intensificou-se no continente a discussão a respeito da importância da universalização do ensino básico e de melhoria de sua qualidade como condição de inserção dos países da região no contexto competitivo do mundo pós-keynesiano. Este “olhar para baixo” talvez tenha trazido consigo benefícios à educação em geral e à das camadas populares - sempre que dê por suposto que políticas concebidas nos gabinetes consigam conquistar os docentes, interferir na vida do alunado e penetrar as escolas, o que não é pouco dizer nem pretender. Reformas e leis podem “emplacar” ou “não emplacar”, podem apresentar pequenos e restritos êxitos, podem ser retumbantes fracassos. Porque afetam pessoas - e muitas pessoas - dependem dos consensos possíveis numa sociedade dada e num momento dado e, por isso mesmo, exige muito trabalho e paciência política.

Esta mudança do foco área educacional contrasta com o que dominou o imediato pós-68 quando, em todo o mundo, se iniciaram reformas visando principalmente democratizar o acesso e a vida interna das universidades não

---

<sup>1</sup> Professora aposentada da UFRJ, estudou Educação, Sociologia e Romanística na Universidade de Frankfurt/M, doutorando-se em 1978. Dirige atualmente o Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada no Rio de Janeiro, onde se desenvolvem pesquisas com o apoio do CPDT/CNPq, FINEP e Fundação Ford. Bolsista do CCDT/CNPq.

<sup>2</sup> CEPAL/OREALC. *Educación y Conocimiento.: eje de la transformación productiva con equidad*. Santiago, 1992.

apenas por motivos políticos, mas em função de argumentos ancorados numa economia da educação dedicada a medir diferenciais de renda em função da escolaridade dos indivíduos. A reviravolta no foco das preocupações corresponde a uma mudança no modelo econômico-social a nível mundial e se acompanha de um renascimento da chamada “economia burguesa da educação”<sup>3</sup>, voltada não mais para as consequências individuais da frequência às instituições escolares, mas para o impacto global de níveis socialmente mais elevados de qualificação.

O refluxo para a base do sistema veio acompanhado de violenta crise universitária, num processo em que a intensidade varia de país para país (de acordo não apenas com suas tradições, mas com a forma como a universidade se enraizou culturalmente e com sua capacidade de adaptação e mudança), mas que assola hoje quase todo o mundo e se assenta num processo de profundo reordenamento social das profissões, revisão de valores e da estrutura de emprego que tiveram vigência ao longo da era keynesiana. Se crescentes dúvidas vêm se levantando a respeito da capacidade de sobrevivência de profissões bem delimitadas, se cada vez menos se crê na possibilidade de sustentar uma biografia profissional linear do ponto de vista do conteúdo e ascendente do ponto de vista da renda e da mobilidade social, elas não atingem o ensino básico - por natureza instrumental e geral, pré-profissional. Que dizer, porém, do ensino médio, cuja crise se arrasta há décadas, numa história que oscila entre a dominância propedêutica e a profissionalização precoce, universal e compulsória?

Nos últimos dois anos uma luz vermelha se acendeu pela primeira vez no país campeão da profissionalização de nível médio: a Alemanha. A profissionalização em nível de segundo grau só não era compulsória para os membros das classes mais abastadas que seguiam diretamente para o *Gymnasium* e do *Abitur* para a Universidade. Daí para baixo todos precisavam ter uma profissão que os capacitasse a entrar diretamente na indústria ou nos serviços, num período em que o desenvolvimento industrial ainda absorvia grandes contingentes de trabalhadores, o emprego público se multiplicou graças à construção e ao desdobramento do

---

<sup>3</sup> Altwater, Elmar/ Huisken, F. *Materialien zur politischen Ökonomie des Ausbildungssektors*, Erlangen, 1971.

Estado de Bem Estar e possibilitava uma tendencial vigência do pleno emprego e uma economia apoiada sobre a demanda. Muitos foram os analistas alemães que adotaram a tese de que, em função desta situação peculiar de uma força de trabalho universalmente educada em nível médio, a qualificação em grande medida cunhou aquele mercado de trabalho e não ao contrário. Ou seja, os empresários consideraram a disponibilidade de qualificação antes da tomada de decisão em termos tecnológicos. Quando a discussão sobre a inevitabilidade da introdução da *lean production* (produção enxuta) em todo o mundo desenvolvido (e em parte do mundo periférico) foi levantada pelo MIT, os melhores sociólogos do trabalho da Alemanha alçaram suas vozes para dizer que existia um “modelo alemão” e que ele excluía a *lean production* (produção enxuta) exatamente devido ao poder de moldagem da qualificação sobre a produção <sup>4</sup>.

Poucos anos depois e pela primeira vez, os mesmos intelectuais ou seus discípulos vêm a público - como no seminário de comemoração dos 25 anos do Soziologisches Forschungsinstitut (SOFI) - para dar a mão à palmatória. Segundo eles, o país teria se atrasado em relação aos seus pares desenvolvidos por excessivas considerações da qualificação prévia e por motivos de natureza política de ocupação da força de trabalho <sup>5</sup>. Os últimos anos, por isso mesmo, vem representando uma decisão de “retomar” rapidamente o bonde da história, deixando para traz um saldo enorme de desempregados e grande desperdício de qualificação preexistente. As lições que podem e devem ser tiradas de tais conclusões, em especial para a periferia, não são nem simples nem evidentes por si mesmas.

Quaisquer que sejam os atenuantes assentados sobre peculiaridades nacionais, a verdade é que o caso alemão aponta brutalmente para a tendência a

---

<sup>4</sup> Vide texto de Michael Schumann. O futuro do trabalho na indústria automobilística alemã. *Educação e Sociedade*. Nr. 43, p. 447-462, 1992. Ver ainda Schumann, M/ Baethge-Kinker, V./Kuhlmann/ Kurz, C./ Neumann, U. Zwischen Neuen Produktionskonzepten und lean production. SOFI, *Mitteilungen*, Nr. 21, Março 1994.

<sup>5</sup> A crise é tematizada por Volker Wittke, que vê seu ponto mais profundo entre 1992/93, quando a *lean production* entrou na Alemanha com toda a força. Ela teria sido antes encoberta pela reestruturação da Alemanha Ocidental, mas o “modelo” não suportou por muito tempo as pressões decorrentes da globalização. Wittke, V. Wandel des deutschen Produktionsmodells: Beschleunigen oder Umstreuern? Paper

enxugar basicamente o emprego industrial <sup>6</sup> e secundariamente - embora de forma crescente - o emprego nos serviços em geral, setor também atingido pelas consequências da micro-eletrônica e dos parâmetros de administração nascidos das novas formas de racionalização<sup>7</sup>. Fazem parte do mesmo quadro os efeitos sobre o emprego e sobre o trabalho concreto do estilhaçamento da era keynesiana, das mutações nas estruturas de bem estar, da crise fiscal dos Estados e, em especial, da ideologia anti-estatista que os tem acompanhado. A ideia de maior eficácia e eficiência dos serviços sociais vem, na prática, reduzindo os postos de trabalho e levando aqueles serviços à queda de qualidade não apenas em função da transição para novas formas de gestão, mas pela pura e simples redução dos contingentes empregados. Um exemplo disso encontramos na própria área educacional, onde o desaparecimento de diversos personagens escolares que intermediavam a relação entre o alunado e os professores/direção das escolas (como inspetores, serventes, auxiliares de secretaria, etc.) não só sobrecarrega estes últimos, como os empurra para um corpo a corpo com os discentes ao qual os parâmetros disciplinares necessários à organização da vida escolar e das condições de aprendizagem precariamente resistem <sup>8</sup>.

Neste cenário, ganham força as atividades alternativas e ditas “não formais” e o trabalho precário. Podem ser exercidas como mecanismo de complementação de renda, como forma de inserção provisória de contingentes que saíram do mercado e não logram reingressar (devido à idade, aos parâmetros de sua qualificação prévia e a uma baixa capacidade de adaptação) ou de jovens que não conseguiram romper

---

<sup>6</sup> Kronauer, Martin. Massenerbeitslosigkeit in Westeuropa - die Entstehung einer neuen “underclass”? Paper apresentado no Seminário “*Gesellschaft im Übergang*”, Göttingen, 12-14.01.1995.

<sup>7</sup> O livro clássico no setor terciário continua sendo o de Martin Baethge e Herbert Oberbeck. *Zukunft der Angestellten - Neue Technologien und berufliche Perspektiven in Büro und Verwaltung*. Campus, Ffm, 1986. Esses autores estão hoje concentrados sobre a questão da transformação das biografias profissionais e sobre as possibilidades de uma “cultura” do setor terciário. Ver Oberbeck, H./Oppermann, R. Die Hoffnungen auf eine neue Dienstleistungskultur. e Andreatta, G./Baethge, M. Berufliche Transformationsbiographien in den neuen Bundesländern. Ambos em SOFI, Mitteilungen, nr. 22, Junho 1995.

<sup>8</sup> Pesquisa em 3 escolas do Rio de Janeiro coordenada por Vanilda Paiva com participações diferenciadas na pesquisa de campo de Eloisa Guimarães e Elizabeth Paiva e, também, em menor escala, de Vera de Paula, e Anna Violeta Durão. Apoio da Fundação Ford. e do CCDT/CNPQ/FINEP/INEP;

a barreira de entrada no mercado formal de trabalho. Mas podem ser também o resultado de uma busca, empurrada ideologicamente, em direção ao trabalho por conta própria e à independência profissional a diversos níveis de qualificação e que se conecta a novos “estilos de Vida” que vem florescendo em toda parte <sup>9</sup>. Em países altamente normatizados, como ocorre na Europa, a atividade alternativa sofre uma enorme pressão por formalização e submissão às normas da “fiscalidade”, mas a dramaticidade posta pelo desemprego crescente tende hoje a modificar este quadro - antes visto como característico dos países periféricos e, depois da queda do muro de Berlim, como um componente da derrocada do “socialismo real”.

Considerando esta peculiar situação do mercado de trabalho é preciso dizer que em nada espanta que o ensino médio tenha perdido o rumo. Consensos tradicionais sobre os quais ele se desdobrou inicialmente, como a dualidade de sistemas, caíram por terra frente aos avanços democráticos já no início dos anos 60. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases de 1961 liquidou a segmentação em sentido estrito e eliminou as barreiras para o acesso dos egressos dos cursos profissionais à universidade. Tentou-se o caminho contrário nos anos 70 com a Lei 5.692, seguindo padrões de terminalidade e profissionalização compulsória no 2. grau. Bem pensada e bem executada a reforma, poderia não ter causado dano ao país. Mas, como aqui com frequência acontece, pensa-se no objetivo mas não se prevêem nem provêm os meios, algo que certamente se repetiu em tentativas mais recentes, episódicas e mal articuladas - como no caso das 200 escolas técnicas distribuídas por critérios políticos há cerca de 10 anos. Mas consensos tradicionais também foram liquidados em países desenvolvidos, entre eles o que compunha um dos ideais mais caros às esquerdas: a destruição do sistema segmentado. Quando o mercado de trabalho começou a dar mostras de desorganização ainda na antiga Alemanha Ocidental, parte da esquerda deixou de lado demandas mais

---

<sup>9</sup> A discussão dos novos “estilos de vida” que emergem da conjunção entre globalização, revolução tecnológica, mudanças na esfera produtiva, desemprego, crise fiscal dos Estados e mutações relevantes nos Estados de Bem Estar não é nova, mas vem se tornando cada vez mais importante. Veja-se Evers, A./ Wintersberger, H. *On the future of the Welfare State or Towards a Policy of Lifestyles*. In: Evers/ Novotny/Wintersberger. *The changing face of Welfare*. Gower, London, 1987.

democráticas com a esperança de que o sistema segmentado pudesse “segurá-lo” e passou a, de balde, defender a profissionalização dos velhos bons tempos como se estivesse defendendo os postos de trabalho. Como já dissemos acima, tais posições não resistiram aos embates desta década.

De qualquer modo, embora a capacitação profissional de nível médio continue a ter sua importância num país onde ela ainda é rara e pode servir a diferentes fins, ela se vê hoje submetida a questões que não faziam parte da agenda de discussões até um passado recente. Não estamos hoje discutindo apenas os efeitos da reestruturação industrial sobre a elevação média da qualificação ou sobre sua polarização nas fábricas - até porque o emprego industrial decresce a olhos vistos também na periferia. A microeletrônica vem penetrando desigual mas profundamente todos os setores produtivos e provocando fenômenos que ultrapassam de longe a esfera da produção. A desestruturação do mercado de trabalho no seu conjunto nos países desenvolvidos (e tendencialmente na periferia), ao jogar massas de homens e mulheres no trabalho precário e no desemprego e ao empurrá-los para atividades alternativas, gerou uma nova situação social e cultural e reforçou formas de “inclusão-excludente”. Seus efeitos se fazem sentir por toda a parte: nos benefícios sociais passíveis de serem obtidos pelos cidadãos, no tipo e no poder de organização dos que permaneceram no mercado formal de trabalho, na vida dos que viram deteriorar-se sua posição profissional e até na descoberta das vantagens de escapar aos ditames daquele mercado. Fazem-se sentir também nas demandas qualificatórias não só do emprego, mas de sua precarização, do desemprego e da busca de atividades alternativas, da multiplicação dos serviços prestados por conta própria, e também do cotidiano traspassado por exigências modernas de tipo e forma variada.

Este novo elenco de questões abre o espectro dentro do qual deve ser pensado hoje qualquer nível de ensino. Junto com a polarização das qualificações em muitos setores, com a segmentação crescente do mercado e a divisão entre aqueles que chegam ao trabalho formal e os que não o fazem, entre aqueles que ganham e que perdem em moedas sociais e culturais diferentes, é possível dizer que a revolução educacional e da comunicação das últimas décadas propiciou uma

elevação da qualificação média da população que é de essencial importância não só para a produção mas para o consumo diferenciado e para enfrentar as fortes mudanças introduzidas no dia a dia das pessoas. Neste processo, popularizou-se uma parcela de conhecimentos tradicionalmente associados a elites monopolistas, reconhecendo-se - por fim - que aqueles conteúdos não eram “bichos de sete cabeças” nem para os que não foram beneficiados com uma real democratização do capital linguístico “culto”. Estamos frente a um contraditório processo de popularização da escola e dos meios de comunicação de massa que, por um lado, transforma o padrão da cultura e da linguagem escolares e, por outro, propicia a assimilação de conteúdos complexos e sofisticados em linguagem simples, com consequente desmistificação do trabalho e dos conteúdos intelectuais.

O fim da era keynesiana se, por uma parte, reintroduziu ou elevou a força de fatores não-educacionais e de critérios não-meritocráticos no mercado de trabalho (como as ligações estamentais, por ex., “re-feudalizando” o mercado), por outra, a democratização do ensino fez cair o valor dos diplomas ao mesmo tempo em que valorizou a *qualificação real* - capaz de ser demonstrada na prática. A derrocada das estruturas públicas de bem estar desvalorizou as profissões tradicionais - como médicos e professores, que se tornaram mais abundantes não apenas devido à maior democratização dos cursos correspondentes mas à restrição do mercado; do mesmo modo, a informática desbancou as engenharias ao mesmo tempo em que a instabilidade dos novos tempos elevou a procura e o status dos cursos de direito. Somados tais efeitos àqueles que afetam outros níveis de formação, nos vemos diante de um reordenamento social das profissões, do emprego, do processo de trabalho e sua organização e de uma reorganização do quotidiano, sob o impacto da revolução nas comunicações e da tecnificação não apenas da esfera do trabalho, mas dos espaços públicos e dos próprios lares. Tomado em forma global este processo traz consigo elevada complexificação de tarefas (muitas vezes simultânea com a queda dos salários da profissão correspondente, como ocorre no caso dos médicos) e da utilização das máquinas, além de modificação na velocidade exigida para a leitura, compreensão e ação compatível, demandando maior qualificação real na vida quotidiana. A ele corresponde o processo de permanente elevação dos

patamares de escolaridade que, nos países desenvolvidos, incluem como obrigatório o nível médio.

Antes de passar a uma discussão específica das propostas de reforma do ensino médio que estão sendo postas em cima da mesa, parece necessário retornar ao tipo de capacitação que parece ser hoje demandada. Existem hoje alguns consensos que acabam de ser fortalecidos pelo reconhecimento de que não existia um “modelo alemão” de desenvolvimento para o fim do século apoiado sobre a qualificação profissional específica e universal. Tais consensos estão para além da sociologia industrial, ou seja, da constatação de que os modelos hoje acionados na indústria reforçam uma tese que o grupo que iniciou os estudos sobre o tema “Qualificação e Produção” ainda nos anos 60 defenderam arduamente nos famosos livrinhos azuis<sup>10</sup>: polarização das qualificações<sup>11</sup>. São eles:

## **1. A qualificação intelectual é a principal fonte de competência do mundo moderno.**

Mesmo que se considere que os requisitos de qualificação possam ser divergentes e contraditórios no tange à força de trabalho industrial, especialmente se considerarmos a questão por setor, em sua diversidade, heterogeneidade e desigualdade quanto à modernização, para além da indústria existem alguns consensos sociais sobre o caráter geral e intelectual da formação exigida pelas características do mundo de hoje. A ideia de que as virtudes intelectuais são hoje mais importantes que no passado para o conjunto da população tornou-se parte de um conjunto de convicções que se apoiam não apenas em pesquisas mas na observação do dia a dia por leigos

---

<sup>10</sup> Um século depois não se trata, evidentemente, dos relatórios de inspetores de fábrica na Inglaterra, mas dos dois volumes de pesquisa empírica que serviram de base para que uma década depois Mickler/ Mohr/ Kadritzke/ Newmann/ Baethge escrevessem uma versão mais facilmente digerível para um público maior com o mesmo nome *Produktion und Qualifikation*,(BIB, Berlin, 1978)

<sup>11</sup> Leite, Márcia de Paula. Reestruturação Produtiva, Qualificação e Treinamento: a experiência brasileira à luz do quadro internacional. (relatório de pesquisa).



**A qualificação intelectual é a principal fonte de competência do mundo moderno.** Elevada capacidade de abstração, de concentração e de exatidão, ao lado da capacidade de comunicação verbal, oral e visual são qualidades cada vez mais valorizadas. Enfatiza-se hoje a importância do pensamento conceptual abstrato como fundamento da ampliação das possibilidades de percepção e de raciocínio, de manipulação mental de modelos, de compreensão de tendências e de processos globais e da aquisição de competências de longo prazo. O **bem pensar** e o **bem falar**, em múltiplas linguagens, tornou-se condição para uma boa capacidade de comunicação, algo que se fez tão central quanto a possibilidade de captar rapidamente as conexões entre conhecimento, configuração de situações interativas e processos mercadológicos - o que supõe um tipo de formação intelectual que facilita a percepção do contexto no qual o conhecimento se aplica.

Espera-se da qualificação intelectual de natureza geral e abstrata que ela seja a base para os conhecimentos específicos, mas que também constitua a **fonte principal da competência** que se prova na interação e em atividades concretas crescentemente complexas. O desenvolvimento do pensamento abstrato, capaz de assegurar um raciocínio voltado para dimensões estratégicas, organizadoras e planejadoras da sociedade e da produção, ganhou um novo reconhecimento fora dos meios intelectuais. E a apropriação e utilização de conhecimentos diferenciados - aqueles que possibilitam a compreensão do processo de produção diferenciados - tornaram-se centrais. A utilização exata de procedimentos e símbolos matemáticos, o manejo da linguagem de forma adequada à situação, a capacidade de lidar com regras e normas em situações diferenciadas, o armazenamento, atualização e capacidade analítica para interpretação de informações, a apreciação de tendências, limites e significado dos dados estatísticos, a capacidade de preencher múltiplos papéis na produção e rápida adaptação a novas gerações de ferramentas e maquinarias - dependem da formação geral e não de treinamentos específicos.

Frente a uma forte elevação do nível de complexidade das atividades sociais e não apenas de trabalho no sentido estrito, o espectro de tarefas se ampliou e as situações a serem enfrentadas por trabalhadores de todos os níveis são mais complicadas, em especial devido à **densificação da comunicação** (rápido acesso a

informação e pressão por processamento rápido), à **cooperação mediatizada pelo sistema informatizado** (elevação da transparência e maior controle sobre as relações de trabalho individuais), à **compressão das atividades** (maior volume sobre as quais devem ser tomadas decisões de responsabilidade pessoal) e à **compactação do tempo** (densificação da estrutura temporal). Para tanto, num mundo que aceita mal erros e demoras, à educação geral é preciso adicionar bons conhecimentos profissionais especializados sujeitos a uma pressão permanente de atualização e adição.

Na medida em que o pensamento abstrato aplicado sobre conteúdos que se ampliam através de um eficiente domínio instrumental variado tornou-se fonte da competência dos nossos dias, a ênfase sobre os métodos de ensino não-diretivos e o atendimento "no ritmo do aluno" deram lugar a outro tipo de preocupação. A eficiência da aprendizagem passou a ser perseguida sem os preconceitos que predominaram nas três últimas décadas. Ao longo delas o discurso e as práticas populista/não-diretivas provocaram a desvalorização do conteúdo e das habilidades instrumentais objetivas em favor do imediatismo subjetivo na relação professor-aluno, marcando as atividades educacionais pelo progressivo aprofundamento da **softness** intelectual. Claro que esta também se deve à massificação do sistema e suas consequências, mas no que concerne a certas formas de um modernismo pedagógico que desperdiça as oportunidades dos alunos, as demandas objetivas da revolução tecnológica e do mundo moderno nos coloca diante da possibilidade do verdadeiro **colapso do populismo pedagógico**.

E isto não se dá à custa da formação para um pensamento crítico. Ao contrário: a dominância do pensamento abstrato e geral caminha junto com a possibilidade da crítica. Do mesmo modo que uma ampla informação e compreensão da lógica e dos processos não pode restringir-se à produção, espalhando-se em seus efeitos sobre a vida social. Ao abranger o conjunto das relações sociais, elas abrem caminho para a crítica apoiada sobre o conhecimento.

## **2. As fronteiras entre trabalho manual e intelectual e entre espaço profissional e doméstico tendem a se reduzir.**

Desde a segunda metade dos anos 80 constata-se crescente tendência à reintegração de tarefas, fenômeno que acompanha uma desigual mas tendencial retração de formas tayloristas de organização do trabalho. Há mesmo quem pergunte se não estaríamos frente ao fim tendencial da divisão do trabalho <sup>12</sup>, na medida em que o trabalho intelectual acopla-se de forma cada vez mais visível com o trabalho manual (vide as normas desta mesma revista e de outras, que demandam do autor o artigo batido em disquete, revisto e pronto para ir para a gráfica; isto em nada lembra Cecília Meireles, que sequer acentuava seus escritos por considerar que esta era uma tarefa do revisor e do tipógrafo). Ora, tal acoplamento não só demanda mais independência e iniciativa na aprendizagem e na operação, mas exige o ingresso em um ou em vários tipos de raciocínio lógico. A crescente utilização de computadores e sua complexificação e multiplicação (não apenas das máquinas, mas principalmente dos *softs*) resulta em profundo impacto não apenas sobre a vida fabril e dos escritórios, mas sobre o dia a dia das pessoas nos quatro cantos do mundo. São linguagens diversas, crescentemente complexas, com uma quantidade de detalhes que restringem o papel da memorização e ampliam o da utilização eficiente de instrumentos como a leitura e a escrita em idioma nativo e também em inglês, cada vez mais necessário para poder compartilhar informações e conhecimentos.

No entanto, a questão da qualificação no mundo da produção não está referida apenas ao uso correto das máquinas e programas. Sem uma mistura adequada entre máquinas automáticas e trabalhadores, entre comando micro-eletrônico e capacidade de intervenção humana, perde-se eficiência e segurança. Tarefas manuais se acoplam a outras de natureza intelectual e quando falamos de "reintegração de tarefas" não podemos pensar que estamos juntando de novo tarefas que o taylorismo desmembrou. São novas e transformadas tarefas que carregam consigo mudanças de valores, de **status** e de entendimento. O computador junta hoje tarefas intelectuais

---

<sup>12</sup> Kern, H./Schumann, M.,. *Das Ende der Arbeitsteilung?* München, Beck, 1984.

submetidas a lógicas diferentes à tarefa manual da datilografia. No passado a conexão mão-cérebro ligava a escrita à mão - que ficou associada por muitas décadas a um determinado **status** atribuído aos que nunca colocavam a mão numa máquina - a conteúdos intelectuais. Para o intelectual trata-se de um doloroso processo de adaptação à máquina, de perda das ajudas ao lado da desvalorização de práticas tradicionais (como a escrita à mão), de necessidade de aprendizagem de novas lógicas e muitos conteúdos para poder operar as máquinas, de adaptação da velocidade de produção de pensamentos, ideias e formas de exprimi-las. Para a datilógrafa trata-se de ampliar seus conhecimentos de modo a poder usar eficientemente o computador e combiná-lo com diversas outras atividades que envolvem tarefas manuais e intelectuais de forma integrada. Estamos, pois, diante a um novo tipo de divisão do trabalho e de especialização que chega junto com a necessidade de compreensão mais ampla do "universo das máquinas" e que gera uma tremenda pressão sobre a força de trabalho que cresceu e se educou numa fase anterior a esta. Emerge deste processo um novo trabalhador manual e de um novo intelectual, reintegrados em múltiplas e complicadas misturas.

No quotidiano das ruas e dos lares novas e mais complexas máquinas foram introduzidas, exigindo leitura eficiente e conhecimentos dos mais variados tipos para que instruções crescentemente complexas possam ser corretamente entendidas de modo a poder utiliza-las e aciona-las. A tecnificação da vida urbana e do trabalho doméstico, com suas inúmeras consequências - que vão da modificação de muitos aspectos da vida quotidiana das famílias e das relações internas ao grupo familiar até as mudanças importantes nos estilos de vida - vem, portanto, demandando mais qualificação e efetividade dos conhecimentos. Conecta-se a ela, num nível crescente de sofisticação e de demanda por conhecimentos necessários à multiplicação da high-tech cultural e mesmo profissional usada nos lares e na rua, num mundo no qual o desemprego e a busca de atividades alternativas vêm atravessando o ambiente doméstico e redes de velhos e novos amigos. Estamos frente a um **deslocamento crescente do espaço cultural e profissional para dentro de um espaço físico privado e, em certa medida, para a esfera privada.**

Um novo ritmo vem se impondo à vida em geral nos setores modernos e tendencialmente a parcelas crescentes das sociedades, mesmo que de forma fragmentária e desigual. Valoriza-se cada vez mais o aprender rápido, adaptar-se rápido, trabalhar rápido, ler, escrever e compreender relações rapidamente. Este ritmo "eficiente" supõe que os conhecimentos sobre os quais as ações humanas se apoiam sejam sólidos o suficiente para evitar repetição de operações e erros de qualquer espécie - algo que depende da formação básica e da assimilação de atitudes e disposições adequadas a este novo mundo, ou seja, de uma socialização "moderna".

Uma das consequências da compactação do tempo sobre o cotidiano das pessoas é que, mesmo quando ele torna possível maior tempo livre, este também termina submetido ao novo ritmo ou simplesmente "cai no vazio" - porque é muito difícil internalizar um ritmo para uma parte substancial da vida e outro para o restante. **A dissonância entre o ritmo tradicional e o ritmo do tempo compactado** é fonte de conflitos e desajustes; a pressão da realidade termina por exigir uma adaptação na qual se combinam em formas múltiplas hábitos antiga e aquisições modernas, mas estas precisam dar o tom para que as fricções não perturbem muito fortemente o dia a dia. Também a vida social e o lazer terminam por submeter-se a uma nova dinâmica. Em tal contexto, consome-se mais e mais rapidamente (com rápida obsolescência), não apenas produtos materiais, mas cultura, relações, amizades, países, regiões, informação. Para tanto, exige-se qualificação real, ou seja, formação de base sólida e de qualidade, bem como virtudes capazes de assegurar uma adaptabilidade constante - para a qual é preciso dispor de um elevado patamar de resistência psíquica e um baixo nível de irritabilidade.

Esta nova relação entre trabalho manual e intelectual, esta nova polivalência e habilidades cognitivas necessárias a uma reintegração de tarefas em novo patamar precisa se apoiar sobre qualificação intelectual de natureza geral e abstrata. Sobre tal base talvez seja possível difundir a polivalência e novas habilidades cognitivas necessárias à reintegração de tarefas em novo patamar. Neste sentido, estaríamos diante de uma **recolocação da politecnia** sem as conotações ideológicas que caracterizaram o conceito até o momento.

### ***3. A desmistificação do trabalho profissional caminha junto com a elevação da qualificação profissional média.***

O **reordenamento social das profissões** a que estamos assistindo, com profundas implicações salariais, de **status** social e profissional e de qualificação, tem embaralhado as cartas no que diz respeito ao possível espectro profissional do futuro. Não nos referimos apenas às profissões diretamente atingidas pela tecnologia com impactos sobre o seu exercício diário, porque um grande número delas é atingida direta e/ou indiretamente e de formas variadas. Tomemos aqui o exemplo do médico: profundas mudanças ocorridas na formação e necessidade de lidar com um volume crescente de aparelhos e informações são simultâneas à **redução do status social, profissional e salarial simultâneo com maior qualificação**, que se explica em função de fatores sociais, econômicos e culturais - como a recente democratização da profissão, que multiplicou os diplomas disponíveis, e como a crise da assistência pública de saúde provocada, em grande medida, pela própria tecnologia (custos crescentes gerados pelos novos aparelhos, medicamentos e tratamentos e a elevação da expectativa de vida dos idosos). Na medida em que a crise fiscal gerada pela conexão menos emprego/maiores custos dos serviços se transforma em desmontagem de estruturas prestadoras de serviços sociais pelo Estado, os postos de trabalho neste setor se reduzem, os salários caem e os profissionais terão que percorrer o caminho do trabalho para firmas privadas ou por conta-própria.

Este é um processo que ocorre junto com a **complexificação, ampliação e sofistificação da formação**. O mesmo movimento que reduz o **status** de alguns tipos de profissionais, exige deles e dos demais domínio específico mais amplo e mais competente. Constata-se, assim, que a demanda de **qualificação profissional média se elevou**, sem relação com a posição relativa dos profissionais na força de trabalho e na população. É como se o processo de desvalorização da qualificação específica duradoura atingisse também aquela que continua sendo útil e socialmente imprescindível, porque ela não mais constitui a "ponta". O diferencial - em **status** e em salário - encontra-se hoje em segmentos profissionais muito especiais, combinado com formas de polarização da qualificação. No entanto, a mudança na estrutura de

qualificação e no ordenamento social das profissões ainda é percebida de forma relativamente nebulosa.

Não ocorre apenas o desaparecimento de setores qualificados e o surgimento de novos, mas uma clara desvalorização das profissões tradicionais a todos os níveis de qualificação. Trata-se de um processo amplo que, embora varie de acordo com conjunturas diversas, com a cultura de cada país e com as características das formações histórico-sociais, atravessa o planeta e está vinculado a uma transformação da compreensão do papel profissional. O re-ordenamento social das profissões tem também a ver com um fenômeno que é paralelo à desmitificação do trabalho intelectual: a **desmistificação do trabalho profissional**. Na medida em que o nível médio de conhecimentos da população se eleva e os meios de comunicação oferecem detalhes de todo tipo de assunto ou atividade, se eleva a compreensão do que fazem os profissionais. O mistério mudou de nível e desvalorizou os mortais portadores de segredos de polichinelo. Mais que isso: o tipo de formação que hoje se demanda implica na aquisição de informações e de capacidade de raciocínio que provoca uma redefinição do valor social do específico - como adendo cujas informações devem ser submetidas à mesma lógica. Neste sentido, o mundo que se antevê restringe o espaço para o autoritarismo de base profissional. Muito do que antes era conhecimento profissional passou ao plano do conhecimento social, difundido entre a população pelos diferentes meios de comunicação de massa.

#### ***4. Formação geral sólida, virtudes e disposições sócio-motivacionais constituem a base de uma socialização profissional aberta à re-profissionalização ao longo da vida.***

A importante mudança que a revolução micro-eletrônica provoca sobre a informação e sobre o como fazer, abala a estrutura social e enfraquece a posição dos trabalhadores ao precarizar o trabalho e gerar novas formas de desemprego estrutural. Ocorrendo num período de abundância de força de trabalho qualificada faz crescer a importância do capital social para a inserção e permanência no mercado formal de

emprego. No entanto, a natureza geral e abstrata das qualificações básicas que demanda conduz à possibilidade de uma visão crítica da tecnologia e da sociedade.

O lugar central ocupado hoje pela formação geral e por virtudes e disposições amplas indicam uma redefinição do lugar sócio-educacional da qualificação específica. A importância da **compreensão lógica e da iniciativa requer** uma educação em que o conhecimento profissional é adjetivo, mesmo que se mostre imprescindível. Cresceu o peso daquilo que o antecede e o embasa. As mudanças ocorridas na produção industrial e nos processos de trabalho, o crescente deslocamento para as atividades ligadas ao terciário e aos serviços em geral, bem como as novas formas assumidas pelos vínculos de trabalho (do assalariamento às atividades alternativas), vem provocando uma **contínua expansão da socialização pré-profissional**. Esta tende a ser dominada por maiores exigências técnico-abstratas e para novas qualificações sócio comunicativas.

A capacidade de readaptação, de profissionalização torna-se crucial num período em que as biografias profissionais lineares são cada vez mais raras. As qualidades exigidas dos indivíduos que devem concorrer não apenas como vendedores de força de trabalho a uma indústria padronizada, mas como livres e despadronizados produtores no mercado são outras. Vem mudando a forma do mercado operar, os caminhos a percorrer, e o tipo de relação de e no trabalho - não apenas no percurso que conduz ao trabalho profissionalizado e remunerado, mas dentro dele e nas "ondas" de inclusão/exclusão - a que se vê a população submetida.

As novas condições do mercado de trabalho - o fim do pleno emprego tendencial nos países desenvolvidos, o surgimento de um novo tipo de desemprego e subemprego estrutural que se adiciona às formas tradicionais nos países pobres, as dificuldades de inserção dos que estão buscando emprego pela primeira vez ou de reinserção dos que foram expelidos em função de dificuldades de adaptação - nos colocam frente a uma nova maneira de enfocar e de vivenciar tais fenômenos. Os sofrimentos ligados a dificuldades de conquistar (ou à perda de) **status** sócio-profissional, as profundas mudanças na vida diária, os riscos associados ao desemprego e ao subemprego são conhecidos e amplamente estudados. Por isso mesmo, as transformações por que passa o mundo contemporâneo estão a demandar



novas e maiores forças psíquicas e virtudes pessoais, necessárias à vida num mundo em que a concorrência se acirrou. São atributos que transcendem as possibilidades do sistema educacional.

As dificuldades de hoje são encaradas como algo mais coletivo e geral, o que reduz ou elimina o estigma do fracasso e empurra para a busca de soluções. Valoriza-se a capacidade de vencer as dificuldades através de iniciativas pessoais e de atividades alternativas, o que implica em iniciativa e esforço. Nesta busca as atividades se fragmentam e diversificam, com perdas evidentes em segurança e renda, mas com ganhos em liberdade para a organização do tempo e para a vida pessoal, além de maior possibilidade de escolha. Ganha o lado competitivo da economia, o Estado livra-se de responsabilidades sociais, ao menos em relação aos segmentos profissionais mais preparados, intelectual e pessoalmente capazes de sair ganhando financeiramente ou em outros aspectos da vida. Na moderna combinação de grandes firmas e pequenos produtores independentes (de produtos ou de serviços), as vantagens possíveis dos que ficaram de fora do mercado formal dependem cada vez mais do conhecimento e da qualificação. Neste sentido - e retomando a discussão do início deste texto - se a qualificação não "cunha" o sistema forma de ocupações (como se reconhece hoje), na medida em que parcela substantiva das ocupações escape aos ditames "sistêmico-organizacionais" das firmas e à lógica estrita e direta da maquinaria industrial, parece haver **maior espaço para que a qualificação real molde as formas sociais de inserção.**

##### ***5. A questão do ensino médio e sua reforma***

Num panorama nebuloso em relação às profissões - em especial as de nível médio, que sempre constituíram o mais polêmico dos temas, porque nelas parecia possível apontar "a mais evidente subsunção aos interesses do capital" - no qual disposições e virtudes adquirem mais peso que a proficiência específica, não basta conhecimento, mas interesse, motivação, criatividade. O eixo da discussão deslocou-se. Não se trata apenas de qualificar para o trabalho em si, mas de formar para a vida

na qual também se insere o trabalho nem sempre como foco fundamental da existência, com uma flexibilidade e um alcance suficientes para que se possa enfrentar o emprego, o desemprego e o auto emprego e para que se possa circular com desenvoltura em meio a muitas "idades" de tecnologia, com a possibilidade de olhar para traz, compreender o mais possível a transição, entender e usar (se for o caso) as máquinas mais modernas e fazer face a suas inúmeras e multi-facéticas consequências na vida social e pessoal.

A redescoberta da importância da educação para o crescimento econômico-social num mundo cada vez mais desigual e complexo precisa vir acompanhada das conclusões tiradas da economia da educação dos anos 50/60, em especial daquela que ensina que **a função econômica da educação só pode se cumprir através do atendimento das demais funções sociais do sistema educacional**<sup>13</sup>. É com estas ideias presentes que se terá que enfrentar a crise do ensino superior, a completa desorientação que hoje reina em relação ao segundo grau e o reconhecimento da importância central do ensino básico. Um novo patamar de qualidade é requerido não apenas neste nível, mas também naqueles em que ocorre a profissionalização.

Forçoso é reconhecer, no que diz respeito ao ensino médio, que não estamos diante de divergências decorrentes da expectativa de que ele forme para tarefas demasiado diferenciadas. Estamos diante de um progressivo consenso internacional que vai reduzindo a importância da educação "vocacional" de nível médio. Mas há outra evidência a ressaltar: cada estrutura social gera, utiliza e refuncionaliza seus sistemas de educação (e não apenas eles) como pode e como melhor logra aproveitá-lo. Assim, não deve haver espanto se, no tremendo cadinho social das últimas décadas, no qual lugar destacado deve ser reservado à massificação do ensino com qualidade declinante, as Escolas Técnicas deixaram de ser lugares para a formação de operários e passaram a abrigar segmentos das classes médias e mesmo de setores pauperizados que aspiram ingressar na Universidade. Sempre coube à burocracia do Estado propor alternativas e à autoridade pública escolher entre os caminhos possíveis e ela sempre o fez quando se viu pressionada

---

<sup>13</sup> Offe, Claus. Sistema educacional, sistema ocupacional e política da educação - Contribuição à determinação das funções sociais do sistema educacional (trad. V. Paiva). *Educação e Sociedade* nr. 35, 1990, p. 9-59.

politicamente pela demanda ou pela oferta. É certamente mais difícil reformar de acordo com um modelo de sociedade desejável, até porque a realidade é complexa e escorregadia, as mediações entre planos, leis, regulamentos e sua implementação e funcionamento concreto são muitas e das mais variadas ordens.

De qualquer forma, o problema está aí. Esta sociedade não é tão rica a ponto de poder oferecer excelente formação geral e vocacional a todos. Também não é afluyente o bastante para abdicar da formação em nível médio e ir empurrando parcelas substantivas para níveis superiores de instrução, como está ocorrendo nos países mais desenvolvidos. Muito pelo contrário: além dos recursos serem excessos e mal distribuídos, a população tende a demandar profissionalização precoce e oportunidades de vida trabalhadora para seus filhos<sup>14</sup>, além de demandar igualmente profissionalização específica tardia<sup>15</sup>. Deve-se sim, ser realista quanto ao futuro do mercado de trabalho, que terá certamente nichos brilhantes e polarizados, mas cuja fragmentação recomenda preparar para **atividades**<sup>16</sup> que demandam conhecimentos específicos calcados no conhecimento de leis gerais e formação ampla capaz de permitir rápidas **reconversões** e **re-profissionalizações** ao longo da vida. As biografias profissionais lineares estão indo ladeira abaixo em todos os níveis e setores., o que - naturalmente - não pode levar a nem a uma política míope de profissionalização sem formação geral nem na negação de profissionalização específica a segmentos pobres da população.

Por ser o nível de ensino no qual se coloca de maneira clara a questão da profissionalização e que, por isso mesmo, convive com todas as ambiguidades decorrentes, o ensino médio é aquele no qual a flexibilização deve ser mais

---

<sup>14</sup> Resumo Executivo de 3 pesquisas sobre expectativas da população em relação à educação realizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, com apoio do Banco Mundial, Unicef e Fundação Ford.

<sup>15</sup> Como bem mostra a avaliação do Programa Favela-Bairro no Rio de Janeiro, realizado por equipe do IEC/IPURR, sob a coordenação de Gisélia Potengy. A demanda por oportunidades de profissionalização específica pela população adulta é enorme nos segmentos pobres da população.

<sup>16</sup> O artigo de Claus Offe "Work: The Key Sociological Category?" *Disorganized Capitalism*. Polity Press, Oxford, 1985, continua alimentando polêmicas entre nós uma década e meia depois de ter sido escrito (1982) olhando uma realidade que ainda nos era estranha. Faz parte do mesmo quadro a proposta de André Goraz de que se substitua a categoria de trabalho pela de atividade.

consequente. O ensino médio comum (propedêutico ou acadêmico, como querem alguns) deve ser a continuidade natural da formação básica e não por motivos ideológicos ligados à luta contra a uma segmentação classista, mas porque existem hoje razões sociais e econômicas que ditam este caminho. No entanto, o discurso é fácil. Difícil é a realidade das escolas<sup>17</sup>. Ampliam-se as oportunidades, democratiza-se o ensino, são feitos sempre novos e belos planos de reformas pedagógicas, fala-se na importância do ensino de qualidade. No entanto, a realidade é mais contraditória e violenta do que pensam os intelectuais. Mudanças supõem consensos duramente construídos, consciência de que novos fatores fazer sua irrupção numa escola que atinge novas camadas sociais e por vezes a submete, que a força da lei e dos decretos não sobe o morro e que inovações metodológicas esbarram na ironia e na descrença de quem já muito viveu. Estas palavras não são sem rumo: a questão da qualidade do ensino é tão crucial e tão difícil para o ensino médio quanto para o ensino básico.

No que concerne ao que já possuímos de ensino profissional há que ir com calma para não colocar em risco o que já se conquistou. Sem dúvida é necessário racionalizar. Colocar limites à feudalização interna de instituições semi-públicas ou mesmo públicas, cuja eficiência se assenta em custos muito elevados, e democratizar o ensino profissional. Mas com a clareza de que ele precisará cada vez mais apoiar-se no ensino geral capaz de dar flexibilidade à formação e atender a todas as parcelas da população que julgam poder fazer uso, ao menos por alguns anos, de conhecimentos específicos a serem transmitidos nesse nível.

## **Bibliografia**

ALTVATER, E. E HUISKEN, F. *Materialien zur politischen Ökonomie des Ausbildungssektors*. Erlangen, 1971.

ANDREATTA, G. e BAETHGE, M. "Berufliche Transformationsbiographien in den neuen Bundesländern. SOFI, *Mitteilungen*, nº 22, Junho 1995.

---

<sup>17</sup> Como mostram os dados colhidos nas três escolas do Rio de Janeiro (pesquisa referida acima).

BAETHGE, M. e OBERBECK, H. *Zukunft der Angestellten – Neue Technologien und berufliche Perspektiven in Büro und Verwaltung*. Campus, Ffm, 1986.

CEPAL/OREALC. *Educación y Conocimiento: eje de la transformación productiva con equidad*. Santiago, 1992.

EVERS, A. e WINTERSBERGER, H. On the future of the Welfare State or Towards a Policy of Lifestyles. In: Evers, Novotny, Wintersberger. *The changing face of Welfare*. London, Gower, 1987.

GORZ, A. *La metamorphose du travail*. Paris, Gallimard, 1991.

KERN, H. e SCHUMANN, M. *Das Ende der Arbeitsteilung?* München, Beck, 1984.

KRONAUER, M. *Massenarbeitslosigkeit in Westeuropa - die Entstehung einer neuen 'underclass'?* Paper apresentado no Seminário "Gesellschaft im Übergang", Göttingen, 12-14.01.1995.

LEITE, M. P. *Reestruturação Produtiva, Qualificação e Treinamento: a experiência brasileira à luz do quadro internacional*. Relatório de pesquisa, 1996.

MOURA CASTRO, C. *O Secundário: Esquecido em um desvão do ensino?* doc. Mim., 1996. OBERBECK, H. e OPPERMANN, R. "Die Hoffnungen auf eine neue Dienstleistungskultur". SOFI, *Mitteilungen*, nº 22, Junho 1995.

OFFE, C. "Sistema educacional, sistema ocupacional e política da educação - Contribuição à determinação das funções sociais do sistema educacional" (trad. V. Paiva). *Educação e Sociedade* nº 35, 1990, p. 9-59.

SCHUMANN, M. "O futuro do trabalho na indústria automobilística alemã." *Educação e Sociedade*, nº 43, 1992, p. 447-462.

SCHUMANN, M. et al. "Zwischen Neuen Produktionskonzepten und lean production." SOFI, *Mitteilungen*, nº 21, Março 1994.

WITTKE, V. *Wandel des deutschen Produktionsmodells: Beschleunigen oder Umstreuern?* Paper apresentado no seminário "Gesellschaft im Übergang", Göttingen, 12-14.01.1995.